

I.2 | *Mafalda*

Transferir o potencial reivindicatório do singular para o plural; de si, para nós. Desafiar a autoridade imprópria mantendo sã a estratégia da sobrevivência. O mundo não acaba na escola.



A FILHA CONQUISTA o pequeno casaco vermelho de soldado romano. Distingue no emaranhado de desconfiança do mundo injustamente invertido alguns poucos fios que usará para tecer o movimento pendular das palavras. Ousará suas primeiras garatujas, entendendo não haver desenho sem escolha: se traço algo aqui, algo deixo de traçar ali. Engole em seco, engole aspas, arranha-se uma sede antiga, e é incapaz de percebê-la universal. Umbilical, não será, súbito, alforriada de mãos e visadas persecutórias, nem ao portar a sonhada armadura de *Xenia*. Na escola, a menina ora Mafalda enfrentará os desafios iniciáticos e gradativos da realidade colegiada. Serão as palavras e a voz própria interior e exterior, outra vez, as aliadas possíveis, e nunca totalmente confiáveis.

Resta claro, tal estágio, um passo além do inocente despertar de Riot Grl. Todas as manhãs, percorrida em segurança a distância de casa até os muros de tijolos da sagrada instituição, Mafalda perceberá duas alterações fundamentais no funcionamento das coisas. Porque é microcosmo de agora, empresa e poderes, a Escola impõe o incentivo à criação, à atitude livre, à invenção, ao mesmo tempo em que resguarda seus limites baixo à vigilância inegociável. A troca é explícita, mas desfrutar de suas vantagens será menos automático ou fácil do que poderia crer uma mente apenas disciplinável, ou incauta.

Trataremos aqui a Escola em maiúsculo por se tratar de um tipo ideal de escola, um sonho atualizado do fracasso da escola-comuna, cem anos depois do experimento original.

Fenômeno soviético rico em boa vontade, a escola-comuna aparece em retrospecto como uma daquelas ideias que não vingaram por um

triste descompasso entre conceito e percepção. Na esteira da violenta revolução bolchevique de 1917, violenta porque carente de boas técnicas de mediação e conciliação, o Comissariado Nacional de Educação daquele país permitiu que pedagogos experimentassem a construção da Nova Escola sem convocar, preparar ou discutir com a população suas justificações e processos. A utopia era a melhor possível, mas os diálogos, ou a sua falta, era brutalmente retrógrada.

O resultado, apesar de casos notáveis de transformação em pequenas e moralmente pantanosas vilas rurais, ficou distante do que poderia ter sido, isto é, distante da renovação da escola em escala internacional. O experimento foi repetidamente difamado, boicotado e vilipendiado por gente que nem se deu ao trabalho de conversar sobre, investigar ou compreender seus conceitos fundadores.

•

O processo que levou nossa Escola, de um círculo laboratorial de acolhimento, formação e apresentação das complexidades do mundo, a um compêndio multifacetado de antagonismos estéreis, radicalismos infrutíferos, privatizações assustadas, e deturpações lógicas em nome de referenciais maníacos por avaliações abstratas, irrealistas e não raro desumanos, chega a ser ainda mais lamentável em países como o Brasil, onde a iniquidade de renda e oportunidades, associada a políticas públicas de fôlego curto e pseudo-pragmatismos eleitoreiros, fez da educação dos filhos um compromisso desgastante e tóxico para os mais ricos, desesperador e profundamente frustrante para os mais pobres. De um lado, há que se provar sucessivamente o sangue azul e os fundos bojudos da conta-corrente para dormir tranquilamente; do outro, já não resta certeza de que a escola será de fato mais enriquecedora e formadora do que a vida solta nas ruas. Graças ao sonho vivo deste longo ensaio, entretanto, com Mafalda será diferente.

É bom lembrar: diferente das fases de um jogo eletrônico, as mudanças de estágio são, aqui, transições cujas concreções dão-se em regime de graduais substituições, pontuadas por retornos e reminis-

cências. Não é que, da noite para o dia, Riot Grl será Mafalda.

Similar ao processo da aprendizagem de qualquer arte, ofício ou técnica, a formação psico-afetiva é operada também na orquestração inescrutável do tecido nervoso, um caldo eletroquímico de cujos caminhos, regulações, alterações, renovações e estalos ainda muito pouco suspeitamos ou conhecemos.

Compartilhamos entretanto com este misterioso mecanismo molecular e sutil a soberania formativa da motricidade, da compreensão, da interpretação, do reconhecimento e da atenção. Quando Mafalda cruza os portões da Escola, os cortes do gelo de Riot Grl ainda vibram em sua memória viva, e sua antiga avatar, tal e qual um bibelô a tiracolo, será, para Mafalda, marca da inquietude a vacilar entre o fardo e o troféu. Poderá ajudá-la a distinguir antigos descaminhos, ou atrapalhá-la ao impor-se na forma de desejos falaciosos.

Ser Mafalda é estar à frente porque, além de ser Mafalda, ela deve cuidar de não repetir-se numa Riot estagnada, e recordar, conforme a necessidade, as ferramentas que sua vivência em Riot Grl legou.

Bem-vinda, Mafalda. Estar na Escola é participar da principal oportunidade da vida. Uma em que a observação e o controle não comungam do policiamento estatal em sentido estrito, e a liberdade e o acaso são repetidamente brindados com a sorte da orientação.

Nem a casa, nem a rua, nem o mercado, detêm tal competência. Não por falta de vontade, mas por restrição ontológica. A *casa* ensina a parcimônia e o exagero das mudanças de assunto, das disciplinas tradicionais, e mesmo das manias e dos descasos; por isso não é capaz de formar sozinha um cidadão. A *rua* funciona para exibir a cruza e a redenção das diferenças, mas sói demais selvagem aos não completamente formados, donde o risco demasiado, as decepções muitas vezes irrecuperáveis, e as distorções à percepção infantil nada menos que cruéis; por isso não é capaz de formar sozinha um cidadão. O *mercado* funciona para determinar e exibir a dureza da

matemática aplicada, o hermetismo (no sentido da não abertura ao afeto) da pureza lógica e sumária da comparação diuturna. É um jogo de valores amorais cuja operação, apesar da irrevogável transparência, se disposta a sujeitos sem a devida formação de vida, pode iludir e fazer-se armadilha de seduções predatórias. Por isso não é capaz de formar sozinho um cidadão.

Neste contexto, a Escola emerge não só como um desafogo à paternidade e um estágio profilático à dinâmica social: é sobretudo nosso mais caro ou valoroso investimento ou garantia de que nossas conquistas, apostas e construções serão, no futuro, conservadas no que carregam de enriquecedor, e renovadas em suas obsolescências críticas. É a estância aberta e protegida do nosso porvir, o pulso imprescindível da renovação.

•

Em 1999, publicou-se *A autobiografia do vermelho*, novela em versos da poeta canadense Anne Carson. Em 2004, caminhava eu, absorto numa manhã ensolarada de sábado na avenida Bedford, no Brooklyn novaiorquino, quando dei, por acaso, com uma primeira edição deste livro revolucionário em minha carreira de leitor.

Eu vivia em Chinatown, estudava técnicas de redação dramática para audiovisual na New York University e empreendia, por conta própria, um curso intensivo de cinema. Lia Tarkovski, Eisenstein, Basin, as *Carriers*, a famosa entrevista de Hitchcock a Truffaut, e assinava o serviço da recém-lançada Netflix, que entregava filmes em DVDs pelo correio.

O catálogo quase infinito de filmes de todas as épocas e lugares viabilizou um percurso autodidata razoável, e pude passar, com atenção e cuidado, tanto pelas escolas nacionais europeias, quanto por autores centrais do resto do mundo, até chegar ao cinema independente norte-americano, onde residia meu maior interesse.

Graças ao empenho de minha namorada e da ajuda de um casal de

imigrantes residente há anos em Manhattan, consegui um emprego num restaurante de padrão familiar em Gramercy Park, um bairro mais ou menos chique no meio da insossa midtown. Seria o equivalente a uma casa de cozinha mineira de alto padrão para turistas em São Paulo, servindo comida ‘da fazenda’ do meio-oeste, aconchegante e temperada (o chefe era um seguríssimo mexicano), num ambiente em que predominava a madeira, a meia luz, vinhos e cervejas aceitáveis, um estupendo bolo de fubá e as sobremesas tradicionais da cultura anglo-saxônica em porções generosas.

Eu não tinha experiência alguma como garçom, mas fui orientado por Luiz, também mexicano e profissional há mais de vinte anos, que assistia a todas as novelas brasileiras e mandava quase 100% de seu salário para a família, na Cidade do México. Por uma semana, fui sua sombra. Aprendi a usar o sistema dos terminais, isto é, emitir pedidos e hackear a enormidade de bugs e inconsistências entre cardápio, vontades malucas dos clientes, interface do software e impaciência da cozinha, e inclusive a cobrir eventuais erros meus com brindes de sobremesas grátis sem ninguém ficar sabendo. Aprendi a limpar copos de vinho, a fazer cappuccino, a tirar expresso, a equilibrar sete pratos numa mesma bandeja enquanto subia uma escada em caracol. As chamadas ‘parties’, mesas com sete pessoas ou mais, poderiam ser um pesadelo ou uma alegria. Era imprevisível. Eu suava bastante, não entendia inúmeras piadas, fazia inúmeras piadas que também não entendiam, me confundia um bocado, tomava bronca da cozinha, do gerente e dos pais de família.

Muitas vezes, porém, tudo corria bem. Num almoço de ação de graças, com reservas feitas meses antes, uma mesa de catorze pessoas simplesmente dobrou minha gorjeta. Trezentos dólares por algumas horas de serviço. Servi o Bill Murray, uma mulher que com certeza era a Uma Thurman, gente da Broadway e da ONU, e o ator que fez o papel do Daniel San num dos filmes mais marcantes da minha infância, o Karate Kid.

Mas eu trocava o reboiço dos dinheiros altos por tranquilidade. Adorava os turnos da manhã. O movimento antes do almoço era

quase nulo, e só contava com um garçom e um ajudante. Eu levava um livro, tomava quatrocentos cappuccinos, e atendia cada mesa com esmero exagerado, sendo extremamente atencioso, sugestivo e positivo. Creio ter cativado alguns clientes.

Já os *brunches*, mistura de café da manhã com almoço aos sábados e domingos, eram a mais pura e insidiosa guerra. Eu chegava em casa horas depois com bolhas, calos, hematomas e traumas psíquicos, pedalando uma bicicleta que apelidei de Laranja Mecânica (ela era de fato laranja, bastante grande e magrela, e contava com o estranho método de freios no pedal, bastando pedalar para trás para frear — nada intuitivo para quem passara a vida com freios na mão).

A fila para o brunch dobrava a esquina, e falamos aqui de duzentos metros de fila, mesmo baixo nevascas cortantes. Éramos nove garçons, um gerente bravíssimo, e a super sensível cozinha do chefe mexicano — odiavam nossos erros, com razão, e odiavam os caprichos malucos dos clientes, também com razão. Gritaria, diplomacia desesperada, choros, exigências estapafúrdias. Uma senhora, lembro-me certa feita, exigia sua caneca de café, cujo refil era gratuito, a conter metade de café normal, e metade descafeinado. Mas o giro era altíssimo, e as gorjetas, no fim das contas (dividíamos tudo igual, independente de quem fizera o quê), bastante boas.

Trabalhando como garçom três ou quatro vezes por semana seis horas por dia em Manhattan eu pude pagar meu aluguel em Chinatown, decorar o apartamento na IKEA, estudar na NYU, cursar cinema autodidata na Netflix, comprar uma vitrola Technics e vários LPs, e ainda realizar meu primeiro curta-metragem, titulado *Fugue*, gravado em fitas mini-DV, escrito, dirigido e editado por mim.

De tudo que vi na Netflix, basicamente a enciclopédia básica da história do cinema, cheguei a uma conclusão que demorei bastante para admitir, por uma graça um tanto absurda, mas que, depois de decantada, concluí ser bastante verdadeira: os filmes de que mais gostei foram aqueles que me fizeram dormir. Claro que adorava as explosões de humor de um Kusturika, a ironia ensaística de um Go-

dard, o carnaval onírico de um Fellini, a gramática nerd de um Hitchcock, a eloquência elegante de um Kurosawa, a crueza bem-aventurada de um Rossellini, a sensualidade rigorosa de um Fassbender, o elogio da não loucura de um Herzog, a entrega criteriosa de um Buñuel, mas nada me fez dormir como me fizeram dormir os filmes de Ingmar Bergman.

Fiquei deveras obcecado. Li a obra completa do Ibsen, dramaturgo escandinavo, grande influência de Bergman e um dos precursores do drama moderno, para tentar entender se minha atração teria a ver com a visão de mundo bergmaniana — em vão. Seus filmes rodavam inúmeras vezes na minha frente, e eu revezava lapsos de extrema atenção com pescadas e cochilos profundos, afagado pelo nonsense meloso da voz sueca feminina.

Não era o texto, entretanto, o mestre que me cativara. Era a nobre fotografia. Filmes como *Luz de inverno*, inspiração de clássicos contemporâneos como *Fita branca* e *Ida*, têm matizes e composição tão sossegadas e canônicas que eu sentia, prostrado à frente da tela, a mais pacífica cumplicidade — e assim dormia. Paradoxal, de fato, pois aquilo que nos interessa não deveria nos fazer dormir.

Quando fui enfim realizar meu curta-metragem, tinha apenas três certezas: rodaria a história em meu apartamento para economizar dinheiro, usaria uma peça de piano de Bach nos créditos de abertura, e imitaria Bergman na direção de ator e na direção de câmera. Nada precisava de fato acontecer. Fazer um curta, pensava eu, era para que nada de fato acontecesse. Fotografei meu bairro e soube, antes de ter um roteiro, exatamente as locações externas que usaria. Dentro do apartamento, mesmo antes de ter um roteiro, tive a certeza de que um casal em casa, conforme as lições inescapáveis de Truffaut, bastaria para sustentar qualquer conflito. Meu conflito, entendi, seria implícito, gestual, insinuado, sem brigas nem exposições. Longas pausas, quadros sem cortes, aflições singelas, marasmo, repetição, teimosia, consenso — um casal tentando conviver.

Comprei um laptop para editar o curta, e tive que digitalizar mais de

catorze horas de fitinhas para tirar pouco menos de vinte minutos de narrativa.

Fracassei redondamente, pois ninguém gostou. Nem família, nem amigos, nem os poucos festivais a que submeti. Rejeições discretas, acenos simpáticos de cabeça, mas nenhum comentário caloroso.

Quando não me preocupava em estudar ou fantasiar sobre minha futura carreira de famoso cineasta brasileiro, caminhava pelo bairro conquistado pelos chineses, entrava e saía de cafés e galerias difíceis de entender, pedalava até as lojas de disco pequeninas do ABC, e chegava antes de todo mundo nos shows noturnos. Vi Interpol, Air, Funkadelic, M83, Blonde Red Head, Ratatat, Bloc Party, The Walkmen, tudo em casas aconchegantes do bairro. A cada dois sábados de trabalho, folgava outros dois. Meu programa favorito aos finais-de-semana era pegar a linha cinza e descer no Brooklyn. Tão perto de casa, mas tão outro mundo.

Ali, a cidade ainda prometia a Nova York alternativa onde produtores e artistas locais falariam mais alto que a saturação fugaz, impessoal e dispendiosa, difícil e desgastante da ilha. Os músicos de rua tocavam entre iguais, as famílias não careciam comprar segurança, o comércio não cedia às regras da pasteurização supostamente eficiente das grandes cadeias e franquias. Era do lado de casa, mas parecia muito longe, quase outro mundo. Num destes sábados, toquei sem querer *A autobiografia do Vermelho*, de Anne Carson. Estava o livro na pilha errada, junto a títulos de não ficção de cultura pop. Eu acabara de ler os clássicos *Hip-Hop America*, sobre o nascimento do RAP, e *Altered State*, sobre o nascimento da música eletrônica de pista e da cultura do êxtase, e buscava, se não me engano, algo sobre o jazz. Até que este sutil vulcão em sépia apareceu, roubando meus planos, extorquindo minha atenção.

•

Anne Carson faz, neste livro, um exercício de aproximação da distância. Ela vai à mitologia grega, lá longe, mas encena a história

aqui, entre nós, nos primeiros dias de escola do protagonista, o jovem Gerião. Fala basicamente da paixão de Gerião por Heracles, um colega de classe, e da viagem deles ao Peru.

Eu entrei num café desses com mesinhas na calçada que dispõe de torra e moagem de grãos curados pelo mundo, mas logo a loja de café revelou-se uma loja de discos. Naquele dia conheci o trabalho de Prefuse 73, artista que ensinou ao hip-hop, como Beck ensinou ao rock, do que o ímpeto faça-você-mesmo é capaz.

Passado um pórtico quase camuflado, à esquerda, a loja de discos revelou-se loja de livros. Livros de arte, zines, zines por toda parte, romances clássicos em edições pós-modernas, compêndios fotográficos repletos de instantes únicos. Aportei na gôndola diminuta de literatura pop, mais condizente ao salário de um garçom. Frágil, amarelido como se velho ou de segunda mão, um humilde vulcão em sépia na capa, este livro aparentemente sem graça me arrancou o chão.

Evidentemente fora de lugar, mas lugubrememente hipnótico. Foi meu primeiro contato com a autora, meu primeiro contato com uma literatura que nunca nem sonhara poder existir. Quando dou com um livro estranho e sedutor numa loja de livros, fatalmente leio trechos para testar a dureza poética e o potencial afetivo da peça. Ali não me lembro de ter lido nada além da capa, antes de comprá-lo. Nada além do clima indefeso de um vulcão branco ilustrado baixo um céu marrom. *A autobiografia do vermelho* é um recontar da vida deste personagem menor e lateral dentro da importante jornada de Hércules, mas Anne Carson é assim mesmo. Ela escolhe não raro o pequeno, a poesia fractal e original da minúcia quase desimportante, e a cada livro, além do rigor escolado de especialista em cultura clássica, exhibe seu paciente e íntegro apego pelo fragmento. Gerião, o assustador mostro mitológico de não sei quantos corpos, cabeças ou pernas, teria assustado até Dante. Para Anne Carson, ele é só um adolescente gay com problemas na escola.

Traduzi o primeiro capítulo de *A autobiografia do vermelho*, chamado Justiça.

JUSTIÇA

*usavam ir à escola juntos. irmão de gerião maior mais velho à frente
às vezes a correr em disparada
ou apoiado num dos joelhos para coletar uma pedra
pedras fazem feliz meu irmão
pensou gerião, que analisava as pedras
conforme trotava atrás
são tantas as classes de pedras
a sisuda e a maluca lado a lado na terra vermelha
pare e pense na vida delas!
zaz! cruzavam o ar desde um braço alegre
que fim. gerião corre
chega ao pátio concentrado, pés e passos
um mundo de crianças ao redor
o fato vermelho intolerável da grama e o cheiro de grama ao redor
o atraíam
qual forte mar. sentia parir seus olhos
pendendo do crânio
ligadinhos
ele tinha que chegar à porta
ele tinha que manter o irmão em vista
duas coisas
escola uma longa construção de tijolos
num eixo norte-sul
sul porta maior por onde todos
meninos e meninas devem entrar
norte jardim da infância amplas janelas
circulares dando à mata atrás
rodeado por altas fileiras de mirtilos vermelhos
entre porta maior e jardim da infância, um corredor
para gerião, um corredor de cem mil quilômetros
de túneis de trovão e céus de neon rasgados por gigantes
no primeiro dia gerião cruzou*

a terra estrangeira mãos dadas com a mãe
então assumiu o irmão a tarefa
como setembro tornasse outubro
o irmão do gerião ficou confuso
gerião sempre foi burro
mas hoje em dia o humor
de seus olhos confundia
me leva só mais uma vez dessa vez
eu aprendo
dizia gerião, os olhos buracos terríveis
burro, dizia o irmão
e saía
gerião tinha certeza que era burro
mas quando se faz justiça
um mundo cai
e a porta maior se anuncia
gerião presta atenção e vence o fogo
em sua mente até chegar
aonde os mapas devem estar
mas no lugar de um mapa
viu um fofo cobertor ardendo
gerião completo em fúria
e o cobertor em chamas até sumir
gerião correu e desde então
vai sozinho à escola
de modo algum chegou perto da porta maior
justiça é pura. daria a volta
nos muros de tijolos passaria
as janelas da sétima quarta segunda série
e o banheiro dos meninos até
o lado norte da escola, onde ficaria
entre os arbustos do jardim de infância
lá, imóvel
até alguém notar
e mostrar o caminho
ele não gesticulou ele não bateu no copo
ele aguardou

*pequeno vermelho e reto ele aguardou
mochila de livros nova numa mão
moedinha da sorte na outra mão no bolso
enquanto as primeiras nevascas do inverno
caíam nos seu cílios e cobriam
as galhadas em volta e calavam
tudo que era mundo*

•

Em seus primeiros dias de aula, Mafalda percorrerá, ao arrepio de uma hostilidade apenas aparente, a luta sem descanso contra o silêncio e o imobilismo. Entre o isolamento inebriado por ingenuidade, inércia do antigo avatar de Riot, e a postura mafaldina quintessencial de confronto, dá-se certa transição difícil como um rito iniciático, exposta neste excerto de Carson. Um corredor “de cem mil quilômetros” é ilusório, assim como “túneis de trovão e céus de neon”. Ainda que vestindo trajes romanos, Mafalda adotará, em cadência de fortuna involuntária, a postura do sortilégio preventivo.

Gerião não gesticula, não bate o copo, mesmo enfurecido com a queima do cobertor, emblema frustrante da destruição do amparo doméstico, e enfrenta os falsos labirintos da Escola em progressiva autonomia. Ao encontrar-se sozinho, sem a ajuda do irmão, um outro aluno lhe indica o caminho, e aqui está o aprendizado basilar da fase Mafalda: pela primeira vez, a monstruosidade que encantava e decepcionava os intercursos relacionais de Riot será vencida por uma dinâmica que só a Escola é capaz de legitimar: as dinâmicas de atração entre alunos, regulada mais ou menos misteriosamente por afinidades, superficiais ou profundas.

Desejos e angústias diversos nas expressões, mas assemelhados nas raízes, produzem discursos de aproximação ou repulsa capazes de criar laços instantâneos, de um lado, e rivalidades intrincadas de outro. Resulta difícil para a instituição esforçar-se em prever ou regular previamente tais jogos de alianças de resto salutares, desde que observados e gestados em vetor de produtividade, para as muitas

configurações eventuais comunitárias.

É na Escola que a utopia da comunidade viva, a um tempo coesa e aberta às surpresas, dispõe-se em regime de lúdica e disciplinada repetição, tentativas e erros, discussão e crítica, experimentação controlada e operação modelo, pela primeira vez, a este protótipo de cidadão chamado aluno. O fato de Gerião ter enormes asas vermelhas, que ele esconderá com dificuldade sob o casaco, não quer dizer que esta característica, por mais diferente, contará com um julgamento, e assim com um tratamento, determinado de antemão, como é com alta frequência o caso na sociedade lá fora, pródiga em linhas amarelas, demarcações e estruturas fixas ou enrijecidas.

Tal é uma das principais funções da Escola: deixar que a diferença se manifeste no seio dos projetos, trabalhos, práticas, aulas e diversões, sempre que possível num segundo plano não negligenciado, isto é, um segundo plano fornecedor de apetrechos formais, uma vez que o foco quedará invariavelmente na dinâmica instrutiva e na realização técnica das tarefas — ou no ato do trabalho — onde dissolve-se o sujeito específico em processo e produção coletiva.

Das realizações ou produtos, aí sim, celebrados em sua pluralidade e dignidade de perspectivas, ou, das diferenças ao universal comum, percorre-se o caminho contrário ao do juízo da aparência, procedência, modos de fala, desconectados do engajamento produtivo, na balbúrdia da entrada, por exemplo, ou na balbúrdia do recreio.

Quando os alunos por próprio testemunho percebem, na feira de artes e ciência, que a geringonça de gerar relâmpagos artificiais do menino que esconde porcamente suas asas vermelhas é o produto de uma experiência similar à da menina manca que abana um rabo duplo e bipartido de pelamento rosa-claro enquanto exhibe seu desenho cintilante bacteriano interativo, a possibilidade da consciente e pacificada indiferença ao que num primeiro instante os teria arrepiado como abissal diferença aumenta consideravelmente, e quem sabe de forma virtuosamente contagiante.

Fazer confluir, assim, as dinâmicas de afinidades e cooperação, reconhecimento e complementaridade, *do indivíduo à produção do indivíduo*, é uma sorte de chave-mestra da função escolar, a ser de novo e de novo testada sob o imperativo duro do ineditismo colegiado, da participação, da novidade, e do acompanhamento sensível às especificidades e histórias de todos e cada um.

•

Voltemos um instante à experiência da escola-comuna soviética, especificamente àquela da Escola Experimental-demonstrativa Nar-KomPros, na aldeia bielorrussa de Litvinovichi, em 1918, a cargo de um punhado de pedagogos liderados por O. B. Lepeshinskiy.

A questão colocada pelo grupo lançava mão de termos que hoje talvez seriam facilmente substituídos, mas menos importante que atualizar a tensão ditadura proletária versus ditadura imperialista, será colocarmo-nos no lugar da iniciativa que contava com liberdade e amparo estatal para inovar a educação e anunciava fidelidade irrestrita à atualidade.

Qual escola nos cabe hoje? A questão de então parece ser, ainda, a boa questão atual. Num alentado estudo-reportagem sobre a escola-comuna, publicado em 1924 e editado no Brasil em 2009, os autores assim definem atualidade:

tudo aquilo que na vida da sociedade do nosso período tem requisitos para crescer e desenvolver-se, que se reúne ao redor da evolução social que está vencendo e irá servir para a construção da nova vida, enfatizando que o objetivo da escola não será apenas conhecer a atualidade, mas dominá-la.

Tais premissas implicam em duas decisões estratégicas: o conteúdo deve ser o mais dinâmico e o menos fixo possível; os processos devem ser o mais prático e o menos expositivo possível. Não fala a Escola da entidade abstrata do Saber, mas cultiva, a Escola, o fer-

ramental interior e transformador das muitas cognições observadas e colhidas na história da vida humana. Daí, o desenho disciplinar pode se aproximar de um mundo aberto e constantemente novo. Um mundo em que se entra, diariamente, apenas com uma vaga ideia do que poderá acontecer.

A Escola que frequenta Mafalda está construída num quarteirão em seu distrito. Os portões abrem-se às seis da manhã, e as aulas começam às oito. Quem chega antes pode aproveitar o café da manhã coletivo e a clínica de corpo, aberta e livre inclusive para adultos da comunidade.

A mesma abertura, para a frequência e uso das instalações de quem quer que seja, também se dá das seis da tarde às oito da noite, quando os portões voltam a se abrir à comunidade e a presença dos alunos é facultativa.

Ao perceber que seu poder de concentração e seu ânimo melhoravam depois dos chás, frutas e grãos disponíveis na cozinha coletiva, e das posições e respirações no tatâmi, Mafalda passa a fazer questão de chegar às cinco para as seis, diariamente. “Fico mais furiosa depois”, justifica.

Às oito da manhã, os três círculos disciplinares são abertos. Os alunos se dirigem, conforme a vontade, ao primeiro, ao segundo ou ao terceiro, que funcionarão ininterruptamente, sob a orientação de meia dúzia de professores cada um, pelas próximas oito horas.

O primeiro círculo, sem nome oficial mas chamado ‘Nius’ pela geração da Mafalda, resume-se à leitura conjunta do jornal digital e interativo criado por um algoritmo.

Sentados nas diversas opções de ergonomia e dispendo de telas, os alunos escolhem, a partir do que vem acontecendo no mundo e no entorno nas últimas horas, quais notícias ler e discutir. Há deliberação, debate e vitória da maioria. Dentro da notícia, conceitos preestabelecidos são passíveis de aprofundamento, isto é, podem

transportar a leitura, uma vez concluída e interpretada a redação noticiosa, para o exame frio de conteúdos multidisciplinares. O currículo, assim, é estabelecido a posteriori, posto que nunca se sabe o dia de amanhã, e os trabalhos e projetos individuais e coletivos são cobrados a partir do histórico de navegações em hipertexto de cada turma.

No primeiro círculo, Mafalda é cobrada por fala e redação original, imitação de gêneros textuais e regimes discursivos, bem como pela habilidade de relacionar, mediante cola (enfim liberada), conceitos de disciplinas como história, geografia, biofísica e Direito.

O segundo círculo, cujo nome oficial, 'Artes do corpo', foi desrespeitado pela geração de Mafalda, que o trata por Circão, lembra de fato um circo. Lá, os professores apresentam, a cada dia, a possibilidade de engajamento com linguagens diferentes e mão na massa, sem teoria nem interface que não seja a própria ferramenta extensão do corpo, ou às vezes ferramenta nenhuma.

Ao lado de um grupo interessado por maculelê ou capoeira, por exemplo, pode estar um grupo que pratica malabarismo ou manobras de tática biomecânica militar, um grupo que usa instrumentos musicais de percussão e sintetizadores eletrônicos para encher de música o ambiente, ou um grupo que pinta enormes peças trabalhadas em argila e decora milimetricamente uma centena de origamis.

Não dá para saber de antemão se amanhã não haverá algo completamente diferente disponível, mas é perfeitamente possível, para o aluno, identificar em si atrações mais fortes por isso ou aquilo, e desejar, junto a uma turma, repetir a atividade e observar seu aperfeiçoamento.

No terceiro círculo, chamado Manúti, o de que Mafalda menos gosta pois o ambiente diverge um bocado de seu gênio improvisador e expansivo, aprende-se engenharia e desenho. Desenho não no sentido artístico, mas matemático — *desígnio funcional das formas*.

O ponto de partida é a própria edificação escolar, bem como as infraestruturas com que esta se relaciona. Manúti porque a prioridade será diagnosticar a necessidade de trabalhos para *manter*, positivo e operante, limpo e funcional, o prédio que habitam. Isso vai da faxina propriamente dita à manutenção dos servidores ligados à internet, ou seja, aprende-se e pratica-se da vassoura a linguagens de programação para administração de banco de dados digitais, bem como o uso de satélites do Estado e a adubação com sódio, fósforo e potássio do solo da horta de onde saem alguns dos alimentos de que se serve a cozinha.

Das onze às treze horas, a cozinha e o refeitório se abrem para a participação dos interessados pelas técnicas culinárias ou para quem só quer comer, e atividades extracurriculares são apresentadas. Dá-se também, neste interlúdio, a telecomunicação com outras escolas da rede pública através de grupos de interesse, grupos de leitura, ou do trabalho em projetos nacionais.

A cada três meses, 40% do contingente docente é trocado, numa dinâmica rotativa que obriga os professores a viajarem pelo Brasil e desenvolverem projetos inovadores nos três círculos. É nesta hora do almoço que os novos professores se apresentam, à distância, e já começam a provocar.

•

O relato colhido no estudo russo sobre a aldeia de Litvinovichi chama a atenção pela fragilidade estrutural de uma nação esperançosa mas combatida do início do século passado, momento em que, ao lado do idealismo da pedagogia, não havia tecnologia ou consciência capaz de desmentir prejulgamentos, temores, anseios litigiosos que desuniam, em vez de unir, os estratos sociais e as gerações. Tampouco havia clarividência estatal capaz de efetivar a priorização da educação para além da liberdade de sonhar e crer dos pedagogos. Faltava estrutura e dinheiro para levar a ideia da escola-comuna ao âmbito nacional, de forma organizada e mais ou menos padronizada. O ferramental teórico, infelizmente, acabava ficando em segun-

do plano diante das dificuldades imensas de gerir a aceitação popular, as dúvidas das muitas famílias intimamente relacionadas com a escola, intrigas e boicotes a circular por carência de consensos sobre o que é, seria ou poderia ser melhor para todos.

Com cerca de sessenta crianças na primeira escola do experimento, as aulas tiveram de ser deixadas de lado para que a gestão desse conta da paranoia defensiva: um ambiente projetado para a difusão e a construção de conhecimento, de repente, via-se obrigado a priorizar a vigilância estapafúrdia, noite e dia, contra agressores desinformados ou simplesmente motivados por mentiras.

A escola, entretanto, nascera para prosperar, e não para se preocupar com a obsessão da autodefesa: ou se faz uma coisa, ou se faz outra. Era preciso escolher se a escola viveria dia após dia a enfrentar ataques da incompreensão, ou se ela viveria para realizar seu trabalho: ensinar e formar de um modo eficaz e inovador, um modo que as escolas tradicionais simplesmente não tinham como equivaler.

Assim, depois de se ver obrigado a empregar as próprias crianças como sentinelas contra assaltos covardes sem justificativa, a direção levou-as até Moscou, deixando para trás a aldeia cuja mentalidade tacanha tentava impor o atraso onde não há espaço para o atraso.

Juntaram-se então mais centenas de crianças, filhos de moradores das periferias e de funcionários de fábricas sem acesso a educação formal, para reiniciar a experiência da escola-comuna num novo local. O estudo diz:

Não existem duas crianças com conhecimentos e interesses aproximadamente iguais. É preciso construir a vida.

Desta vez, não era a desinformação e a falta de compreensão sobre o projeto o principal desafio, mas a falta de recursos. Os alunos eram os principais trabalhadores na adequação das instalações, na limpeza, na construção mesma da escola, e praticamente não restava tempo para discussão de conteúdo ou apreensão de técnicas e conceitos.

Examinando em retrospecto, parece que a riqueza da diversidade das crianças, quem sabe encoberta pela pouca exposição à vida, acabava sem tempo de ser identificada, estimulada e enriquecida, pois o trabalho era exaustivo.

Muito do que conhecemos acerca da escola-comuna aproxima-se de uma exagerada louvação à mera organização do trabalho braçal, como se isso bastasse para enriquecer as mentes e fortalecer a articulação intelectual dos estudantes.

Há alguma verdade na esperança de que o despertar para as formas de aprendizagem prática, baseado na formatação mestre-aprendizes, seja capaz de formar o caráter ético e produtivo de um cidadão. Mas a escola, para se chamar Escola, precisa fundamentalmente de fôlego e espaço para as práticas cognitivas associadas à apreensão de formas variadas de linguagens, para a reprodução das regras e discursos de que depende a fluida e limpa operação socioeconômica, e para a mimese dos debates políticos, jurídicos e filosóficos que impedem que a vida se perca em estagnação viciosa. Numa palavra, a escola-comuna brindou a história com a dignificação do trabalho e da organização cooperativa ao dar às crianças a responsabilidade inédita com o cuidado da própria instituição, mas falhou ao não cumprir aquilo que talvez seja o mais central em sua existência, apresentar a complexidade do mundo num ambiente resguardado e confortável onde a tentativa e o erro pudessem florescer sem consequências irremediáveis, onde fluíssem insistentes a tolerância e mesmo o incentivo ao recomeço, à mudança radical de ideia e à conjugação crítica de múltiplas perspectivas.

O ambiente escolar reclama dignidade ontológica diferenciada do 'mundo lá fora', pois o seu é um local da incessante construção da vida, e não da simples submissão à vida como ela é. É da prerrogativa laboratorial que crescerá não só o costume, mas mesmo o gosto pela inovação e, quem sabe, a habilidade cada vez maior para distinguir, na cidade e nas nações, na política e na economia, os processos abismados pela obsolescência, de um lado, daqueles com que podemos contar em sua saúde produtiva e positiva, do outro.

Quando crescem disciplinadas pela sensibilidade ao potencial quase mágico de melhorar a si e ao entorno, respeitando menos as formalidades de ontem do que os sentidos sempre alertas ao instante para identificar, nos desenhos e processos, aquilo que mais interessa do ponto de vista comum, isto é, do ponto de vista não exclusivista, não fetichista, e não neurótico, maiores as chances do mundo contar com cidadãos mais preparados para ingressar no jogo socioeconômico como empreendedores surpreendentes e engenheiros sociais inovadores.

•

Eleita por si mesma líder ditatorial de suas boas intenções, Mafalda acaba esbarrando nas dificuldades da pluralidade, na miríade de perspectivas, e nas inúmeras surpresas que não cessam em se apresentar pela performance charmosa, entre o teatral e o enciclopédico, dos professores.

Nem sempre suas exigências conseguem ser digeridas pelos muitos grupos que atuam em inter-relação nos três círculos, e o seu processo é um movimento de certo modo paradoxal, pois pede atenção a dois vetores quase simultâneos, e quase contrários, de energia.

Informada pela tinta ainda fresca das feridas de Riot, isto é, plenamente capaz de articular indignação em reivindicação, e uma verdadeira draga a engolir novos objetos lexicais e formatações sintáticas, ela se verá capaz como nunca de sofrer e processar angústias que não são mais exclusivamente suas.

Seu crescimento, e sua conseqüente passagem ao estágio seguinte, serão mais velozes quanto mais ela puder, persuasivamente, substituir a postura que arroga para reclamar integridade individual por uma que reclame a integridade coletiva. O paradoxo está em adotar a ferramenta de autoconservação da indignação para conservar o que não é mais só seu.

No fulcro da escola-comuna, resta passível de resgate este belíssimo

ensinamento e norte doutrinal, chave do patamar mafaldino: a inteligência é um corpo comum, e podemos incrementá-la e evoluí-la de modos variados, a partir de nossas singularidades e zonas de conforto produtivo, e mesmo através de façanhas bravamente individuais. Sua aplicação, isto é, o emprego estratégico e específico da inteligência, no entanto, só será reconhecido como tal na medida em que observar a peculiaridade deste corpo comum, frutificar e despertar ganhos e melhorias assim identificáveis por *nosso* juízo, que a todos e por todos compete.

O pendor político do cidadão com voz ativa, do cidadão que não só usa, mas *cuida, mantém, critica e melhora* as estruturas e objetos do mundo, não pode ser enfiado goela abaixo, não pode ser apreciado de modo meramente expositivo, e não pode ser esperado mediante a outorga de contrapartidas ameaçadoras.

Para operar como um mecanismo fluido e eficaz, a consciência de estar no mundo, este pendor político de quem não apenas sofre a realidade, mas a constrói e a transforma construindo e transformando a si, deve ser vivenciado diariamente na Escola, com aberturas colegiadas à deliberação da própria operação escolar, com a discussão madura das consequências desta ou daquela decisão, com o exercício de construção e avaliação de cenários, e com os convites recorrentes à coautoria da vida naquele microcosmo social.

Entender e usar a escola como a exceção social de formação, guarda e nutrição com que podemos visualizar, modelar, testar e confrontar, a partir de processos, movimentos, desenhos, conceitos e percepções conjugadas, os futuros que nos pareçam os melhores entre os futuros possíveis, ou os mais abertos a novas e mais ricas formas de felicidade humana. Tanto é o que aprende Mafalda.

Tanto é o que aprende Mafalda a aprender na escola, assim que ela se faz capaz deste sutil e renovado equilíbrio entre o impulso reivindicatório de Riot Grl, e a humildade coletiva de um microcosmo de cidadania.

A seguir, no entanto, ela aprenderá algo que não necessariamente constava no script discente: pular o muro.

Do outro lado, mais ou menos perdida na frieza da cidade de ruas, mercados e casas egoístas, a que prestarão e de que se servirão a disciplina e o alcance de uma mera estudante?